

Entre versos e vozes do cordel: sistematizando a comunicação sustentável

Between verses and voices of cordel: systematizing sustainable communication

Entre versos y voces de cordel: sistematizando la comunicación sostenible

Glacia Marillac Azevedo de Medeiros Rondon¹

Luciana de Albuquerque Moreira²

Resumo

O artigo apresenta uma ação formativa de caráter extensionista desenvolvida no contexto da disciplina de Estágio Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFRN), vinculada à disciplina “Informação, Sociedade e Democracia”, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tem por objetivo relatar a experiência no uso do cordel em sala de aula, como forma de aliar conhecimento e conscientização política, a partir da prática reivindicatória em espaços públicos. Teoricamente a proposta teve como eixo o uso da literatura de cordel como suporte informacional, educativo e político, articulando saberes acadêmicos, a partir do cordel, em um processo interdisciplinar de formação crítica. A abordagem metodológica usada partir do Experimento de Mundo Real que se estruturou em três momentos interdependentes: a leitura e discussão de artigos sobre a história, estética e função social do cordel; a realização de uma oficina formativa ministrada por cordelistas-bibliotecários convidados, que compartilharam suas trajetórias, técnicas e vivências; e, por fim, a construção coletiva de um cordel original, redigido, publicado e distribuído em audiência pública na Câmara Municipal de Natal, interagindo com diferentes vozes. Como resultado, tivemos a reivindicação da valorização do bibliotecário e da biblioteca escolar e a inclusão do cargo de bibliotecário nos concursos públicos municipais. Conclui-se que a ação extensionista fortaleceu competências críticas e ampliou o repertório de mediações possíveis entre a informação, a cultura e a democracia.

Palavras-chave: extensão universitária; literatura de cordel; comunicação sustentável; sustentabilidade informacional; mediação infocomunicacional.

Abstract

This article presents a formative action of an extensionist nature developed within the context of the Teaching Internship discipline of the Postgraduate Program in Information Science (PPGCI/UFRN), linked to the discipline "Information, Society and

¹ Consultora de Comunicação do Centro de Estratégia em Recursos Naturais e Energia (CERNE), Mestra em Ciência da Informação (PPGCI/UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3229-9320>. E-mail: glaciamarillac@gmail.com.

² Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (Universidade do Porto-Pt). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7265-3164>. E-mail: luciana.moreira@ufrn.br.



Democracy" of the Library Science course at the Federal University of Rio Grande do Norte. Its objective is to report on the experience of using cordel literature in the classroom as a way to combine knowledge and political awareness, based on the practice of protest in public spaces. Theoretically, the proposal focused on the use of cordel literature as an informational, educational, and political support, articulating academic knowledge, based on cordel, in an interdisciplinary process of critical training. The methodological approach used was based on a Real-World Experiment structured in three interdependent moments: the reading and discussion of articles on the history, aesthetics, and social function of cordel; the holding of a formative workshop given by invited cordel-librarian writers, who shared their trajectories, techniques, and experiences; Finally, the collective creation of an original cordel (a type of Brazilian folk poetry), written, published, and distributed at a public hearing in the Natal City Council, interacting with different voices. As a result, we had the demand for the appreciation of librarians and school libraries, and the inclusion of the librarian position in municipal public service examinations. It is concluded that the extension activity strengthened critical skills and broadened the repertoire of possible mediations between information, culture, and democracy.

Keywords: university extension; cordel literature; sustainable communication; informational sustainability; infocommunicational mediation.

Resumen

Este artículo presenta una acción formativa de carácter extensionista desarrollada dentro del contexto de la disciplina de Prácticas Docentes del Programa de Posgrado en Ciencias de la Información (PPGCI/UFRN), vinculada a la disciplina "Información, Sociedad y Democracia" del curso de Biblioteconomía en la Universidad Federal de Rio Grande do Norte. Su objetivo es informar sobre la experiencia de usar literatura cordel en el aula como una forma de combinar conocimiento y conciencia política, basada en la práctica de la protesta en espacios públicos. Teóricamente, la propuesta se centró en el uso de la literatura cordel como apoyo informativo, educativo y político, articulando conocimiento académico, basado en cordel, en un proceso interdisciplinario de formación crítica. El enfoque metodológico utilizado se basó en un Experimento del Mundo Real estructurado en tres momentos interdependientes: la lectura y discusión de artículos sobre la historia, la estética y la función social del cordel; la realización de un taller formativo impartido por escritores cordel-bibliotecarios invitados, quienes compartieron sus trayectorias, técnicas y experiencias; Finalmente, se llevó a cabo la creación colectiva de un cordel original (un tipo de poesía folclórica brasileña), escrito, publicado y distribuido en una audiencia pública en el Ayuntamiento de Natal, con la participación de diversas voces. Como resultado, se generó la demanda de reconocimiento a los bibliotecarios y las bibliotecas escolares, así como la inclusión del puesto de bibliotecario en los exámenes de la función pública municipal. Se concluye que la actividad de extensión fortaleció las habilidades críticas y amplió el repertorio de posibles mediaciones entre información, cultura y democracia.

Palabras clave: extensión universitaria; literatura de cordel; comunicación sustentable; sustentabilidad informativa; mediación infocomunicativa.

Data de submissão: 16 jan. 2026

Data de aprovação: 10 jul. 2026.



1 INTRODUÇÃO

A crescente complexidade dos desafios globais, sociais, ambientais, políticos e informacionais, exige novas formas de acessar a informação qualificada para praticar uma comunicação realmente sustentável no sentido de gerar conhecimento e promover benefícios coletivos. Em um cenário marcado por desigualdades estruturais, polarizações ideológicas e crises de legitimidade institucional, torna-se urgente propor abordagens comunicacionais que estejam comprometidas com a ética, a justiça social, a inclusão e a sustentabilidade. Nesse contexto, a Comunicação Sustentável emerge como um conceito em construção, que busca articular teoria e prática a partir da integração de saberes da Ciência da Informação e dos Estudos da Sustentabilidade.

A comunicação adotada, que estamos denominando como “comunicação sustentável” está em fase de sistematização e é pautada nos fundamentos da sustentabilidade informacional, conceito que destaca a importância de práticas éticas, acessíveis e responsáveis para garantir o direito ao acesso, produção e compartilhamento de informação de forma equilibrada e inclusiva. Esses princípios estão alinhados aos objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, especialmente aqueles relacionados à promoção de instituições eficazes, justiça social, inclusão e participação cidadã.

Por outro lado, a sala de aula, bem como as ações de extensão universitárias se constituem como campos privilegiados de articulação para colocar em prática ações inovadoras, como ponte de articulação no estreitamento do diálogo entre universidade, sociedade e instituições públicas. Por meio desses espaços, saberes acadêmicos e populares se conectam, e o conhecimento científico ganha forma concreta, efetiva e transformadora no cotidiano das pessoas.

Em consonância com essa proposta, o presente relato descreve uma prática desenvolvida no âmbito da disciplina “Informação, Sociedade e Democracia”, como parte das atividades de Estágio Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A ação envolveu a criação coletiva de um cordel, com o objetivo de valorizar a atuação de bibliotecários e bibliotecárias na cidade. A ideia surgiu no decorrer da disciplina com o intuito de introduzir uma atividade inovadora para estimular a turma a pensar os temas relacionados a sociedade de forma mais abrangente. Desde sua concepção,

mobilizou princípios, metodologias e objetivos que caracterizam a potencialidade de novas metodologias em sala de aula, e o alicerce do diálogo com a sociedade, a partir da extensão universitária em sua essência.

Em sala de aula, a atividade buscou construir um folheto de cordel, enaltecendo a importância da atuação de pessoas bibliotecárias nas bibliotecas escolares do município de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Concomitante a esta ação, foi viabilizada uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte para comemorar o Dia Mundial das Bibliotecas (comemorado em 1º de julho). A motivação para esta ação foi a percepção de uma invisibilização e falta de valorização da profissão no Rio Grande do Norte, mesmo com mais de 700 bibliotecários formados ao longo da trajetória do curso de graduação em Biblioteconomia da UFRN, que está completando 30 anos em 2026. A audiência, nesse sentido, gerou algo relevante: uma convocação pública para que o poder legislativo passe, a partir das informações relatadas, a enxergar o papel estratégico dos bibliotecários na construção de uma sociedade mais justa, crítica e informada.

A partir daí, surgiu o espaço para enaltecer as bibliotecas com pessoas bibliotecárias! E o cordel construído pelos alunos da disciplina Informação, sociedade e democracia, seria apresentado nesse espaço. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é relatar a experiência no uso do cordel em sala de aula, como forma de aliar conhecimento e conscientização política, a partir da prática reivindicatória em espaços públicos.

Este artigo está, portanto, dividido em seções que trarão essa experiência de forma pormenorizada. Após essa introdução, apresentando o tema, temos o percurso metodológico mostrando as etapas que compuseram essa prática. Em seguida, vem as discussões teóricas que embasaram esse artigo, com os temas da “comunicação sustentável: um conceito em construção” e da seção que trata do vínculo do cordel com a sociedade, intitulado “o cordel como mediação poética na promoção da comunicação sustentável e na valorização dos bibliotecários: quando a universidade chega de fato à sociedade”. Por fim, as considerações finais sobre essa temática.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo adota como abordagem metodológica os Experimentos de Mundo Real (EMR), entendidos como práticas investigativas e interventivas realizadas em contextos reais, marcadas pela coprodução de conhecimento entre diferentes atores



sociais e por sua orientação à transformação socioambiental. Trata-se de uma proposta que emerge em resposta aos limites dos métodos científicos tradicionais diante da complexidade e da urgência das questões relacionadas à sustentabilidade (Kohler *et al.*, 2021).

Os EMR caracterizam-se por ocorrerem fora dos laboratórios tradicionais, operando diretamente nos territórios em que os desafios se manifestam. São, portanto, iniciativas situadas, transdisciplinares e participativas, que priorizam a aprendizagem social e a experimentação prática como motores para a produção de soluções inovadoras e sustentáveis (Schäfer; Lux; Bergmann, 2020; Experimentos [...], 2024).

No caso analisado, o EMR foi configurado a partir de uma ação comunicacional estratégica com dimensão extensionista, desenvolvida por estudantes, docentes e profissionais da informação, em articulação com representantes do Legislativo municipal e membros da comunidade local. O EMR se estruturou em três momentos interdependentes: a leitura e discussão de artigos sobre a história, estética e função social do cordel; a realização de uma oficina formativa ministrada por cordelistas-bibliotecários convidados, que compartilharam suas trajetórias, técnicas e vivências; e, por fim, a construção coletiva de um cordel original, redigido, publicado e distribuído em audiência pública na Câmara Municipal de Natal, interagindo com diferentes vozes.

A distribuição do cordel na audiência pública teve como objetivo central valorizar a atuação dos bibliotecários e evidenciar, na esfera pública, o papel da informação na construção de sociedades sustentáveis. Embora não tenha sido formalmente registrada como extensão universitária, a prática assumiu caráter extensionista por sua inserção em contextos reais, diálogo com a comunidade e produção de impactos para além do ambiente acadêmico.

O processo metodológico foi estruturado em cinco etapas que ocorreram entre os meses de abril e junho de 2025. São elas: Imersão e escuta ativa; levantamento de demandas locais e percepção dos sujeitos envolvidos com a valorização da profissão e o direito à informação; planejamento colaborativo do texto: definição coletiva da ação, incluindo linguagem, formato e estratégias (com destaque para o uso do cordel como mediação cultural); intervenção em espaço público: realização de uma audiência na Câmara Municipal de Natal, onde os conteúdos foram apresentados e discutidos em formato acessível, artístico e engajador; reflexão e sistematização:

análise dos efeitos da ação, com base em relatos, registros e desdobramentos institucionais, de modo a alimentar processos futuros.

A adoção da abordagem EMR permitiu à pesquisa desenvolver-se como um laboratório vivo, no qual teoria e prática foram constantemente articuladas. A ação operou como um campo de experimentação comunicacional comprometido com a sustentabilidade, fundamentado nos princípios da sustentabilidade informacional (Girard; Pires, 2014) e ancorado nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente os ODS 4 (educação de qualidade), 11 (cidades sustentáveis) e 16 (instituições eficazes e inclusivas).

Como destaca Jacobi (2003), os desafios contemporâneos da sustentabilidade requerem abordagens que articulem saberes diversos, promovam participação cidadã e estimulem formas coletivas de lidar com a incerteza. Os EMR se mostram particularmente adequados nesse sentido, por estimularem práticas baseadas na confiança mútua, na horizontalidade e na abertura ao inacabado, características que estiveram presentes em todo o percurso metodológico adotado neste estudo.

Essa abordagem possibilita experimentar estratégias comunicacionais em ambientes concretos, avaliando seus impactos e aprendendo com a interação entre teoria e prática. A ação articulou saberes acadêmicos e populares para fortalecer a comunicação sustentável em um contexto real e democrático, validando e sistematizando o que se entende como a construção de processos que aproximam universidade e sociedade, promovem o compartilhamento ético e contextualizado de informações e fomentam a participação cidadã.

A prática reuniu estudantes, cordelistas, docentes, profissionais da informação, representantes do Legislativo e membros da comunidade promovendo um espaço democrático de diálogo com a distribuição do cordel para todas as pessoas presentes na audiência pública, inclusive para os alunos-autores que acessaram, pela primeira vez, a versão impressa do trabalho colaborativo. Nesse contexto, a atividade em sala de aula extrapolou paredes e acessou a tribuna pública, informando sobre a necessidade de valorização da categoria profissional, por meio de uma comunicação orientada pelos princípios da sustentabilidade do diálogo. Essa abordagem privilegia a construção contínua de relações baseadas na escuta ativa, no respeito mútuo e na participação colaborativa, buscando fortalecer vínculos sociais e políticos.

Em tempos de crise das instituições e de fragmentação dos sentidos coletivos, essa metodologia aplicada à extensão universitária se coloca como campo

privilegiado para formar outra cultura comunicacional: mais dialógica, mais ética, mais sensível. Ao levar o cordel para a tribuna pública, a universidade não apenas informou, ela performou um gesto de escuta, de reconhecimento e de tradução cultural. Um gesto que talvez seja, no fim das contas, a própria definição do conceito de comunicação sustentável.

3 COMUNICAÇÃO SUSTENTÁVEL: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

A comunicação sustentável, tal como estamos concebendo, propõe-se a tornar comum a ação: criar elos, construir pontes, reduzir distâncias entre saberes e pessoas. Trata-se de uma prática que ultrapassa a transmissão de mensagens, pois envolve a escuta ativa, o diálogo e a apropriação crítica da informação, convertendo-a em conhecimento compartilhado e socialmente relevante. Ao lançar mão deste conceito, ainda em processo de sistematização, a ação buscou reduzir distâncias entre os espaços de produção do saber e os territórios de sua aplicação, construindo pontes entre universidade, sociedade e políticas públicas.

Fundamentada na ideia de tornar comum a ação, mais do que promover mudanças imediatas, essa prática contribui para repensar o papel da informação como instrumento de convocação, pertencimento e cidadania ativa. A partir daí, a Comunicação Sustentável configura-se como um conceito em construção, em permanente diálogo com os desafios contemporâneos da sociedade global. Mais do que uma técnica ou um conjunto de ferramentas, ela propõe uma nova ética comunicacional, ancorada na escuta, na participação e na corresponsabilidade pelo mundo que compartilhamos. Trata-se de um campo que integra saberes da sustentabilidade, da ciência da informação e da educação crítica, assumindo o compromisso de transformar informação em comunicação, comunicação em conhecimento e conhecimento em ação para o bem coletivo.

Na perspectiva da sustentabilidade informacional, como propõe Girard e Pires (2014), a comunicação deve contribuir para o fortalecimento de ecossistemas informacionais saudáveis, que assegurem o acesso equitativo ao conhecimento e à diversidade de vozes. Nesse sentido, a Comunicação Sustentável também se ancora na sustentabilidade da informação, conceito desenvolvido por Geraldo, Pinto e Duarte (2022) que defendem a necessidade de práticas informacionais que promovam a permanência, a acessibilidade, a relevância e a inteligibilidade da informação para as gerações presentes e futuras. Essa abordagem amplia o debate ao considerar não

apenas a circulação da informação, mas também sua função social, seu uso significativo e sua capacidade de subsidiar a cidadania e o bem comum.

Essas perspectivas dialogam diretamente com os ODS, especialmente aqueles voltados à educação de qualidade (ODS 4), igualdade de gênero (ODS 5), redução das desigualdades (ODS 10), ação contra a mudança global do clima (ODS 13) e também às instituições eficazes (ODS 16) — que promovem sociedades pacíficas, acesso à justiça e instituições responsáveis, transparentes e inclusivas em todos os níveis. Portanto, a Comunicação Sustentável está intrinsecamente relacionada à noção de sustentabilidade informacional, como defendem Girard e Pires (2014), Geraldo, Pinto e Duarte (2022), ao enfatizarem a importância da circulação qualificada da informação e sua apropriação social. Essa perspectiva reforça a necessidade de se construir ecossistemas comunicacionais saudáveis, que respeitem a diversidade de vozes e contribuam para a construção de cidadania, especialmente nos contextos de vulnerabilidade.

Autores como Jacobi (2003) destacam que a sustentabilidade só se torna efetiva quando incorpora processos participativos e educação transformadora. Isso exige não apenas políticas públicas, mas também práticas comunicacionais que possibilitem a escuta ativa das comunidades, o diálogo entre saberes e a construção de agendas comuns. A esse respeito, Paulo Freire é uma referência fundamental, ao propor uma comunicação que nasce do encontro entre sujeitos e da problematização da realidade vivida. Para Freire (1987), a construção do diálogo depende do reconhecimento de que os saberes são diversos e complementares, e não superiores ou inferiores entre si. É nessa reciprocidade que se tornam possíveis processos comunicacionais mais participativos e transformadores.

Complementando essa abordagem, Marshall Rosenberg, ao desenvolver a proposta da Comunicação Não Violenta (CNV), contribui com uma dimensão profundamente ética e relacional da comunicação. Para Rosenberg (2006), comunicar-se de forma sustentável é também reconhecer as necessidades humanas universais que estão por trás dos sentimentos e das ações, promovendo empatia, respeito e conexão. A CNV oferece ferramentas para uma escuta compassiva e para a expressão autêntica, fundamentais para construir relações de confiança e cooperação em contextos sociais, educacionais e ambientais.

Do ponto de vista epistemológico, a Comunicação Sustentável também se inspira na complexidade proposta por Morin (2001), ao reconhecer a interdependência

entre os sistemas sociais, culturais, econômicos e ambientais. A comunicação, nesse contexto, deixa de ser apenas um meio e passa a ser um processo vital para a regeneração dos vínculos humanos e ecológicos. Ela deve ser simultaneamente racional e sensível, crítica e criativa, informativa e formativa.

É fundamental reconhecer que a Comunicação Sustentável não se presta à defesa de opressores ou de oprimidos, mas à superação de antagonismos paralisantes, à valorização das convergências, à eliminação de muros simbólicos ou institucionais e à construção de pontes entre diferentes saberes, setores e visões de mundo. Sua vocação é dialógica e inclusiva, comprometida com a convivência plural e com soluções que beneficiem o bem comum. Um exemplo claro disso é a convergência construída entre a academia e o legislativo, que, ao se reconhecerem como aliados na promoção de políticas sustentáveis e justas, demonstram o potencial transformador da escuta, do diálogo e da cooperação institucional.

Nesse contexto, a Comunicação Sustentável dialoga diretamente com as práticas extensionistas, pois compartilha com a extensão universitária os princípios da participação, da escuta ativa e da construção coletiva de saberes. Ao promover processos comunicativos horizontalizados, sensíveis à realidade dos territórios e abertos à diversidade cultural, a Comunicação Sustentável potencializa a função social da universidade.

Ela atua como mediadora entre saberes acadêmicos e populares, entre teoria e prática, entre o conhecimento produzido na universidade e os desafios enfrentados por comunidades reais. Essa aproximação contribui para que a sala de aula se estenda à sociedade de forma mais direta, deixando de ser, em muitas situações, uma via de mão única, e se torne, de fato, um espaço de intercâmbio dialógico, onde informação e comunicação sejam instrumentos de cidadania, transformação e sustentabilidade. Por meio dessa articulação, projetos extensionistas tornam-se práticas de mediação infocomunicacionais com sentido ético e compromisso público.

Assim, pensar a Comunicação Sustentável é assumir uma dimensão ética, participativa, informacional e empática que atravessa todos os níveis da vida social. Ética, porque envolve responsabilidade com o outro e com o planeta. Participativa, porque só se realiza plenamente quando os sujeitos se reconhecem como parte ativa do processo comunicativo. Informacional, porque depende da qualidade, do acesso e do uso significativo da informação para gerar mudanças reais. E empática, porque exige escuta profunda, abertura ao diálogo e o cultivo da convivência não violenta.



Essa construção exige esforço teórico-prático, experimentações e escutas plurais, especialmente em contextos de invisibilidade histórica, como os vividos por mulheres, povos tradicionais, comunidades periféricas e populações do campo. É nesse território de tensões e esperanças que a Comunicação Sustentável ganha força como um caminho possível para um futuro mais justo, inclusivo e solidário — com instituições fortes, abertas e conectadas ao interesse público.

4 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ALÉM MUROS PARA CONSTRUIR PONTES

A compreensão da extensão universitária neste estudo parte de seu marco conceitual consolidado em 2022 pela Política Nacional de Extensão Universitária, que a define como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político voltado à promoção da interação transformadora entre universidade e sociedade. Esse entendimento oriundo do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) robustece um rompimento com perspectivas assistencialistas ao reposicionar a extensão como prática dialógica, orientada pela construção compartilhada de saberes e pela intervenção em contextos sociais concretos.

A intensificação de uma mudança de postura, vem desde o plano normativo a partir da Resolução nº 7/2018 do Conselho Nacional de Educação, que estabelece a obrigatoriedade da extensão nos currículos de graduação, com, no mínimo, 10% da carga horária total dos cursos, reafirmando sua indissociabilidade com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018). A chamada curricularização da extensão representa uma inflexão significativa, ao deslocar essas práticas do campo da voluntariedade para o da estrutura formativa obrigatória, exigindo sua integração aos projetos pedagógicos dos cursos.

No âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, essa diretriz é regulamentada pela Resolução nº 006/2022-CONSEPE, que define a extensão como processo interdisciplinar, político, educacional, cultural, científico e tecnológico comprometido com a interação transformadora entre universidade e sociedade (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). O regulamento explicita princípios estruturantes, interação dialógica, formação cidadã, produção de mudanças sociais e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e os traduz em critérios operacionais que orientam a formulação, execução e avaliação das ações extensionistas.

A interação dialógica constitui um princípio central, ao exigir a participação efetiva da sociedade e a construção compartilhada do conhecimento, superando modelos unidirecionais de transmissão (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2022; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). Essa perspectiva encontra fundamento na ciência da informação por meio da mediação e em autores que defendem a dialogicidade como a pedagogia freireana na qual o conhecimento se constrói na relação entre sujeitos históricos, por meio do diálogo e da problematização da realidade (Freire, 1987).

No plano formativo, a extensão assume papel estratégico ao promover a inserção dos estudantes em contextos reais, contribuindo para o desenvolvimento de competências críticas, éticas e sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). A formação cidadã, nesse sentido, é estruturante para as práticas extensionistas, que ampliam o processo educativo para além dos limites da sala de aula. Do ponto de vista operacional, o regulamento da UFRN estabelece critérios claros para caracterização das ações de extensão, incluindo a definição de público-alvo externo, objetivos, metas, resultados esperados e mecanismos de avaliação, bem como a obrigatoriedade de registro institucional das atividades (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). Esses elementos funcionam como parâmetros objetivos que distinguem ações extensionistas de atividades exclusivamente pedagógicas ou acadêmicas. Além disso, a normativa institucional classifica as ações extensionistas em modalidades como programas, projetos, cursos, eventos, prestação de serviços e produtos, permitindo delimitar e qualificar as práticas desenvolvidas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). Tal classificação é relevante para o presente estudo, uma vez que a experiência analisada pode ser compreendida como uma ação híbrida, que articula características de evento extensionista e de produção cultural, ao promover circulação pública de conhecimento mediada por linguagem acessível e socialmente situada.

Outro aspecto central refere-se à exigência de interação com a comunidade externa, condição indispensável para caracterização da extensão (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2022; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). Nesse sentido, ações que não ultrapassam os limites da universidade não se configuram como extensionistas em sentido pleno. Essa exigência reforça o caráter público da extensão e sua orientação para demandas sociais concretas. A dimensão do impacto também é

ênfâtizada tanto na política nacional quanto na regulamentação institucional, ao estabelecer que a extensão deve contribuir para a produção de mudanças sociais e institucionais (Brasil, 2018; Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2022; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). Isso implica a necessidade de planejamento, acompanhamento e avaliação das ações, de modo a evidenciar seus efeitos para além da execução imediata.

Nesse enquadramento, a experiência analisada neste estudo se alinha aos princípios e critérios da extensão universitária ao articular produção de conhecimento, mediação cultural e interação com a sociedade. O uso do cordel como estratégia infocomunicacional possibilita a tradução de conteúdos acadêmicos em linguagem acessível, favorecendo sua apropriação por diferentes públicos e promovendo diálogo entre saberes acadêmicos e populares. A inserção da atividade em audiência pública na Câmara Municipal de Natal reforça sua dimensão extensionista ao evidenciar a participação no debate e a interlocução com atores sociais diversos. Esse elemento é decisivo, pois caracteriza a ação como prática situada, voltada à incidência em contextos reais, e não apenas como exercício didático.

Ainda que a atividade não tenha sido formalmente registrada como ação de extensão nos sistemas institucionais, devido à falta de tempo hábil, a impressão do cordel foi apoiada pela Pró-Reitoria de Extensão por sua configuração atender aos critérios estabelecidos na Política Nacional de Extensão Universitária e no Regulamento de Extensão da UFRN, especialmente no que se refere à interação com a sociedade, à participação de estudantes, à produção de conhecimento situado e ao potencial de impacto social (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2022; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022). Por fim, a articulação entre extensão universitária e Comunicação Sustentável evidencia uma convergência teórico-metodológica baseada na centralidade do diálogo, na valorização da participação e na construção coletiva de sentidos. A extensão, nesse contexto, não se limita a um cenário de aplicação, mas se constitui como fundamento que possibilita práticas comunicacionais comprometidas com a transformação social.

Por fim, a articulação entre extensão universitária e Comunicação Sustentável evidencia uma convergência teórico-metodológica fundamentada na centralidade do diálogo, na valorização da participação e na sustentabilidade informacional para

construção coletiva de sentidos. A extensão, nesse contexto, se constitui como fundamento que possibilita práticas comunicacionais comprometidas com a transformação social. Essa perspectiva se alinha às diretrizes da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, na medida em que fortalece processos educativos, amplia a participação cidadã e contribui para a construção de instituições mais abertas, inclusivas e responsivas. Ao promover a circulação qualificada da informação em contextos reais e plurais, a Comunicação Sustentável, articulada à extensão universitária, contribui para a consolidação de ecossistemas informacionais mais justos e democráticos. Dessa forma, a extensão deixa de ser compreendida como atividade complementar e passa a operar como prática estruturante na mediação entre conhecimento e sociedade, reforçando o papel da universidade na promoção do desenvolvimento sustentável e na construção de respostas socialmente situadas aos desafios contemporâneos.

5 O CORDEL COMO MEDIAÇÃO POÉTICA NA PROMOÇÃO DA COMUNICAÇÃO SUSTENTÁVEL E NA VALORIZAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS: QUANDO A UNIVERSIDADE CHEGA DE FATO À SOCIEDADE

A sala de aula aliada a ações extensionistas é, antes de tudo, um lugar de experiência. É nela que a universidade sai de si, encontra a alteridade e precisa rever seus modos de comunicar, de ensinar, de aprender e de se relacionar com o mundo. Ao fazer esse movimento de travessia, entre saberes acadêmicos e populares, entre sujeitos institucionalizados e cidadãos sem acesso aos espaços de poder, a extensão ativa um processo comunicacional que é, por si só, sustentável, transformador e educativo. É por isso que se pode afirmar que a sistematização da Comunicação Sustentável passa, necessariamente, pelas práticas da extensão universitária.

Se a Comunicação Sustentável ainda é um conceito em construção, é a extensão universitária que a nutre de sentidos concretos, de vivências, de múltiplas linguagens e de desafios reais. A escuta ativa, o diálogo de saberes, a mediação cultural e o compromisso ético com a transformação social, que são fundamentos da comunicação sustentável, encontram na extensão um campo de aplicação viva e contínua, onde esses princípios podem ser colocados à prova e ressignificados. É na sociedade, marcada pela imprevisibilidade e pela diversidade, que se desenham os contornos da comunicação que sustenta vínculos, processos e mudanças.

A experiência com o cordel dos bibliotecários (Apêndice A), levada à tribuna de uma audiência pública, exemplifica esse processo com clareza. O uso de uma



linguagem culturalmente enraizada, acessível e afetiva não foi apenas uma escolha comunicacional eficaz, mas um gesto epistemológico e extensionista. O cordel não foi apenas um “meio” de levar a pauta ao público: ele foi parte da escuta, da elaboração coletiva e da construção política dos estudantes com a proposta legislativa. Foi uma extensão da sala de aula que comunicou, mas também foi uma comunicação que se fez extensão e, nesse processo, ajudou a formatar práticas sustentáveis de diálogo entre universidade e instituições públicas.

Na perspectiva de Cruz *et al.* (2013), a extensão popular fortalece a aproximação entre universidade e sociedade por meio do diálogo e da valorização dos saberes construídos nos territórios. Essa compreensão encontra ressonância em Freire (1987), ao reconhecer a importância da troca entre diferentes formas de conhecimento, e em Jacobi (2005), ao enfatizar a participação dos diversos atores sociais na construção de respostas para desafios coletivos.

[...] principalmente pela presença crescente de uma pluralidade de atores que, por meio da ativação do seu potencial de participação, terão cada vez mais condições de intervir consistentemente e sem tutela nos processos decisórios de interesse público, legitimando e consolidando propostas de gestão baseadas na garantia do acesso à informação e na consolidação de canais abertos para a participação (Jacobi, 2005, p. 245).

Sob esse olhar, quando o cordel acessou a tribuna pública, não representou apenas uma manifestação cultural, mas também uma oportunidade de ampliar a circulação de vozes e experiências historicamente pouco visibilizadas no debate público.

Ao adotar o cordel dos bibliotecários como suporte informacional e dispositivo de mediação infocomunicacional, a ação ressignifica os modos de comunicar, ampliando as possibilidades de apropriação social do saber e sendo um componente central da Comunicação Sustentável. Como revela Raimundo Muniz de Oliveira, o “Cordel Informativo” é utilizado na Biblioteca Central Zila Mamede para divulgar serviços e estimular o interesse pela produção científica da universidade, alcançando desde mercados até feiras convencionais (Oliveira, 2011). Esse uso não só reforça a dimensão popular e acessível do cordel como fonte de informação, mas também materializa a mediação infocomunicacional, ou seja, a transformação da informação técnica em uma comunicação culturalmente apropriada e engajadora.

Além disso, conforme analisa Marreiro (2008), a literatura de cordel funciona como “comunicadora e mediadora da informação”, transitando da oralidade para o

impresso e garantindo sua presença na cultura popular e nos ecossistemas informacionais. Essa capacidade dialógica do cordel, que mobiliza linguagem rimada, imaginação e referências culturais locais, o torna um experimento de mundo real ideal para aplicar e testar estratégias de Comunicação Sustentável: ele permite engajar o público da universidade de forma criativa, sensível e participativa, criando pontes entre saberes acadêmicos, espaços de poder e práticas sociais.

Segundo Costa (2006), o cordel é uma forma de literatura popular que contribui para o exercício da cidadania ao articular oralidade, memória e pertencimento. Dessa forma, o cordel dos bibliotecários não apenas informa, mas também fortalece o diálogo com a comunidade, contribuindo para ecossistemas infocomunicacionais mais justos, inclusivos e culturalmente relevantes. Nesse sentido, Duarte (2011), defende que sua força está na capacidade de produzir sentido compartilhado em linguagem acessível, estética e política. Essa potência expressiva é percebida nos próprios versos do “Cordel d@s Bibliotecári@s” (Marillac; Moreira; Oliveira, 2025, p. 11-16), como na estrofe que revela sua função mediadora:

Faz mediação de mundos
sem sair do seu lugar,
põe Machado e Ziraldo
pra criança interpretar,
faz do tempo uma janela
onde todos possam entrar.

Todo bibliotecário
é um guia verdadeiro;
e, semelhante ao cordel,
é também um mensageiro,
despertando a consciência
Do estudante brasileiro.

No contexto do projeto para a produção do cordel, houve a promoção de uma prática comunicacional alicerçada na ideia de comunicação sustentável, compreendida aqui como um conceito em construção, fundamentado na mediação e na sustentabilidade informacional.

Como destaca Cruz *et al.* (2013), práticas sustentáveis em informação e comunicação precisam ser dialógicas, enraizadas nos territórios e abertas à construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, a oficina poética realizada em sala de aula extrapolou o espaço acadêmico e ganhou as ruas, a tribuna e os dispositivos políticos da cidade. Como conferimos em mais um verso do “Cordel d@s Bibliotecári@s” (Marillac; Moreira; Oliveira 2025, p. 15-16)

Que os governos entendam:
 Não se educa sem cuidar
 De quem cuida dos saberes
 Ensinando a pesquisar
 Sem a cultura acessível,
 é difícil prosperar.

Pois nas reuniões de classe
 vamos juntos decidir.
 O apoio do povo forte,
 ninguém há de desistir.
 Bibliotecário na luta
 sempre unidos a seguir.

Além disso, o cordel também dialoga com ODS da Agenda 2030, tais como: Educação de qualidade: ao valorizar a leitura, a mediação da informação e o papel das bibliotecas como espaços formativos; ODS 10 – Redução das desigualdades: ao incluir múltiplas vozes estudantis em um processo colaborativo e promover o acesso democrático à informação; ODS 11 – Cidades e comunidades sustentáveis: ao mobilizar o saber local e a cultura popular para promover consciência crítica e engajamento cívico; ODS 16 – Paz, justiça e instituições eficazes: ao incentivar práticas democráticas, transparência e reconhecimento institucional da profissão; ODS 17 – Parcerias e meios de implementação: ao articular universidade, sociedade civil e poder legislativo em torno da valorização profissional.

A escolha pelo cordel também responde a princípios de sustentabilidade material, por ser um suporte de baixo custo, acessível e ambientalmente responsável. Como afirma Chartier (2002), os suportes da leitura transformam-se com os tempos, mas a permanência da palavra como ato comunicativo atravessa as tecnologias, exigindo mediação, intenção e contexto. Nesse caso, o cordel emerge como tecnologia cultural ancestral, com potencial para comunicar de forma afetiva e crítica. Essa potência se afirma na simplicidade de seus versos do Cordel dos Bibliotec@rios (Marillac; Moreira; Oliveira, 2025, p. 15):

Sustentável é o saber
 quando bem organizado,
 conhecimento é poder,
 deve ser compartilhado,
 sendo informação a ponte,
 o leitor é despertado.

O conteúdo do cordel narra, em 32 estrofes, as múltiplas dimensões do trabalho do bibliotecário, revelando o compromisso com a formação de leitores, a organização da informação, a mediação do conhecimento e a defesa do acesso à cultura como

direito. A estrutura rimada, ritmada e carregada de imagens simbólicas (como “o vaqueiro em mediação”, “o herói sem pedestal” e “o mensageiro do saber”) favorece a identificação dos leitores com o conteúdo e reforça a potência política da linguagem poética.

No linguajar brasileiro,
‘vaqueiro em mediação’,
Bibliotecário, o ‘cabra’
domando a informação,
um fiscal, um guardião
que faz a transformação.

O ser bibliotecário,
mestre da informação,
dentro das bibliotecas,
tribunais ou no sertão,
agrupa conhecimento
via documentação (Marillac; Moreira; Oliveira, 2025, p. 13-14).

Além de cumprir um papel comunicacional estratégico na valorização da profissão e no diálogo com a sociedade, o cordel também atuou como catalisador pedagógico no contexto da disciplina “Informação, Sociedade e Democracia”. Ao romper com a linearidade dos textos acadêmicos tradicionais, a proposta de escrita poética oxigenou a turma, promovendo engajamento espontâneo e significativo entre os estudantes.

A lei federal tá firme,
Reforçando o que é vital,
sem o bibliotecário
o concurso é desigual
e muitas bibliotecas
sem o tal profissional (Marillac; Moreira; Oliveira, 2025, p. 14).

Muitos discentes, que até então demonstravam certa resistência ao estudo teórico, se envolveram ativamente na produção dos versos, nas discussões sobre a profissão e na edição colaborativa do material. A sala de aula se transformou em um espaço de criação coletiva, onde o afeto, a identidade e o reconhecimento profissional se tornaram motores da aprendizagem, como é possível perceber nas estrofes do Cordel (Marillac; Moreira; Oliveira, 2025, p. 6): “Cada estudante, com seu jeito/ de sentir a informação, deu sua contribuição” com rima ou com emoção. O Cordel dos Bibliotec@rios (Marillac; Moreira; Oliveira, 2025), portanto, não apenas comunicou saberes para fora da universidade, como também reconfigurou a prática pedagógica dentro dela, ativando uma dimensão sensível e participativa do processo formativo em Biblioteconomia.

É força silenciosa
que a escola faz vibrar.
O leitor, a cidadã,
que sabe questionar.
Biblioteca é local
pra quem quer se libertar.

Não deixemos que se apague
essa chama tão vital.
Defenda a biblioteca
como ato essencial.
Valorize o bibliotecário
preciso e fundamental (Marillac; Moreira; Oliveira, 2025, p. 9-10).

Por fim, o cordel não se encerra como um produto final, mas como um gesto pedagógico contínuo, um convite ao engajamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste artigo demonstra que a transformação social não decorre automaticamente da circulação de informações, mas da capacidade de acompanhar o percurso da informação que pode evoluir para uma comunicação sustentável, quando se traduz em conhecimento socialmente apropriado para ação concreta. Esse percurso, observado de forma empírica no uso da literatura de cordel como mediação infocomunicacional, evidencia uma cadeia conceitual simples, porém potente: informação, comunicação, conhecimento e transformação social.

No caso analisado, a informação relacionada à valorização do bibliotecário e da biblioteca escolar já existia e circulava há anos nos meios institucionais e acadêmicos, o que mudou foi a produção de efeitos práticos relevantes no campo das políticas públicas. A inflexão ocorreu quando essa informação foi traduzida pelos alunos em uma estratégia comunicacional culturalmente situada, acessível e sensível aos contextos sociais a partir de uma das plataformas informacionais mais populares, o cordel.

A iniciativa possibilitou sua circulação qualificada em uma audiência pública, na Câmara Municipal de Natal, ampliando a compreensão, a identificação e o engajamento do público presente. A comunicação, nesse sentido, não operou apenas como meio de difusão, mas como mediação, ao considerar linguagem, território, afetos e repertórios culturais. Esse processo comunicativo gerou conhecimento compartilhado, reconhecível e apropriável pelos sujeitos envolvidos, permitindo que a pauta deixasse de ser percebida como uma demanda corporativa ou técnica e

passasse a ser sustentada como uma questão de interesse público, educacional e social.

O cordel, elemento central, profundamente personalizado da comunicação, enquanto linguagem poética ancestral e culturalmente enraizada, dialoga diretamente com o imaginário social nordestino e com a tradição oral presente nos territórios institucionais e populares. Ao falar por meio do cordel, o projeto falou para os sujeitos que reconhecem nessa linguagem um repertório legítimo de sentido. Esse fator potencializou a atenção dedicada pelos vereadores durante a audiência pública, uma vez que a pauta foi apresentada não apenas como dado técnico ou reivindicação formal, mas como narrativa cultural compartilhável e reconhecível.

Além da linguagem, a materialidade da comunicação desempenhou papel decisivo. A transformação do cordel em um produto físico, impresso, distribuído e manuseado no espaço legislativo, ampliou significativamente seu impacto simbólico. O folheto materializou a informação, conferindo permanência, visibilidade e circulação ao conteúdo apresentado, o que contribuiu para sua apropriação para além do momento da fala. A comunicação, portanto, não se restringiu a um único canal, se expressou de forma multissuporte e integrada: linguagem poética (cordel), suporte impresso, oralidade, ocupação institucional e mídia. A aula, que poderia permanecer circunscrita aos muros da universidade, expandiu-se para a Câmara Municipal, transformando-se em um ato público de comunicação e extensão universitária. Esse deslocamento espacial e simbólico conferiu legitimidade social à pauta e ampliou seu alcance.

Outro aspecto relevante foi a amplificação midiática da ação. A audiência pública foi integralmente televisionada, e os meios de comunicação locais deram publicidade ao evento, o que potencializou a circulação da mensagem e contribuiu para sua repercussão social. A informação, ao circular por meios institucionais, culturais e midiáticos de forma articulada, consolidou-se como comunicação efetiva, favorecendo sua conversão em conhecimento socialmente reconhecido e potencialmente aplicável.

Esse conjunto de estratégias comunicacionais incidiu diretamente sobre um contexto legislativo já existente. A Câmara Municipal de Natal possui histórico normativo relacionado às bibliotecas, incluindo legislações anteriores e o Projeto de Lei nº 649/2022, que dispõe sobre a obrigatoriedade de implantação e manutenção de bibliotecas nas instituições de ensino público municipal. Embora esse projeto tenha

enfrentado debates, entraves e processos de tramitação prolongados, a ação comunicacional relatada contribuiu para reativar a pauta, qualificar o debate público e acelerar os processos de decisão que resultaram, em novembro de 2025, na aprovação do projeto por unanimidade pelos vereadores de Natal.

Dessa forma, a experiência evidencia que a eficiência comunicacional não reside apenas no conteúdo informacional, mas na adequação da linguagem, na escolha dos suportes, na materialidade da mensagem e na ocupação estratégica dos espaços públicos. Ao operar simultaneamente nesses níveis, a comunicação deixou de ser episódica e tornou-se sustentável, processual, produzindo conhecimento apropriável e favorecendo transformações institucionais concretas para as atuais e futuras gerações.

Esse desdobramento concreto evidencia que a comunicação sustentável, orientada por princípios éticos, participativos e culturalmente contextualizados, possui capacidade real de incidir sobre processos institucionais e decisórios. A clareza dessa cadeia: o que circula, como circula, o que permanece e o que muda, confere ao projeto e à experiência relatada não apenas consistência conceitual, mas também capacidade de avaliação e replicabilidade. Cada etapa pode ser observada, acompanhada e refletida, o que afasta o risco de um uso meramente retórico da comunicação e a reposiciona como método de intervenção social.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, a experiência dialoga diretamente com os debates sobre justiça cognitiva, ao reconhecer que o direito à informação não se limita ao acesso formal, mas envolve a possibilidade real de compreensão, apropriação e uso do conhecimento em contextos concretos de vida. Ao optar por uma linguagem popular e poética, o projeto rompeu hierarquias epistêmicas e ampliou os espaços de legitimação do saber, sem abrir mão do rigor conceitual. Assim, o cordel não deve ser compreendido apenas como um recurso didático ou cultural, mas como um dispositivo infocomunicacional estratégico, capaz de articular universidade, sociedade e instituições públicas em torno de processos de escuta, tradução cultural e construção coletiva de sentido. Essa experiência reafirma o papel da extensão universitária como campo privilegiado para a experimentação de práticas comunicacionais sustentáveis, sensíveis às complexidades sociais e orientadas à transformação.

Conclui-se, portanto, que pensar a comunicação sustentável implica assumir que informação sem mediação não gera conhecimento, e conhecimento sem

apropriação não gera mudança. A experiência aqui analisada oferece evidências de que, quando esses elementos são articulados de forma ética, participativa e culturalmente situada, se consolidam como processo político, pedagógico e transformador, capazes de produzir impactos sociais concretos e duradouros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 155, n. 243, p. 49-50, 19 dez. 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 21 abr. 2021.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

COSTA, Moisés de Azevedo. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CRUZ, Pedro Jose Santos Carneiro; VASCONCELOS, Marcos Oliveira Dias; SARMENTO, Fernanda Isabela Gondim; MARCOS, Murilo Leandro; VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação popular na universidade**: reflexões e vivências da articulação nacional de extensão popular. São Paulo: Hucitec: Editora Universitária da UFPB, 2013

DUARTE, João Evangelista. **Literatura de cordel**: origens e perspectivas. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

EXPERIMENTOS de Mundo Real. **INCP Klimapolis**, São Paulo, 2 maio 2024. Disponível em: <https://inctklimapolis.org/experimentos-de-mundo-real/>. Acesso em: 15 set. 2025.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Carta de Salvador**: 50º Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitoras e Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX). Salvador, 1 dez. 2022. Disponível em: <https://www.proex.ufscar.br/arquivos/imagens-para-noticias/carta-de-salvador-forproex.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERALDO, Genilson; PINTO, Marli Dias de Souza; DUARTE, Evandro Jair. A sustentabilidade informacional pode ser vista como um novo paradigma da Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 27, n. 4, p. 229–253,



out./dez. 2022. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44389>. Acesso em: 15 jun. 2025.

GIRARD, Carla Daniella Teixeira; PIRES, Erik André de Nazaré. A sustentabilidade informacional e sua relação com a biblioteconomia no século XXI. *In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO*, 17., 2014, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: UFC, 2014. p. 1-13. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9823>. Acesso em: 15 jan. 2026.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189–205, mar. 2003. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/533>. Acesso em: 9 set. 2025.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ZV6sVmKTYdvnKVNrqshspWH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 9 set. 2025.

KOHLER, Martin; ENGELS, Anita; KOURY, Ana Paula; ZENGERLING, Cathrin. Thinking Urban Transformation through Elsewhere: A Conversation between Real-World Labs in São Paulo and Hamburg on Governance and Practical Action. **Sustainability**, v. 13, n. 22, p. 1-33, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/356400771_Thinking_Urban_Transformation_through_Elsewhere_A_Conversation_between_Real-World_Labs_in_Sao_Paulo_and_Hamburg_on_Governance_and_Practical_Action. Acesso em: 10 set. 2025.

MARILLAC, Glacia; MOREIRA, Luciana de Albuquerque; OLIVEIRA, Raimundo Muniz (org.). **Cordel dos bibliotecários**: a sustentável leveza do saber. Natal, 2025.

MARREIRO, Ana Kátia Gomes. **A literatura de cordel como meio de informação e comunicação**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Curso de Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26918>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

OLIVEIRA, Raimundo Muniz de. Cordel Informativo: serviços oferecidos aos usuários de uma biblioteca universitária. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 24., 2011, Maceió. **Anais [...]** Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/03f76a03-fe51-4822-bb7e-6eed5f7d5b88>. Acesso em: 21 abr. 2026.



ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 6. ed. São Paulo: Ágora, 2006.

SCHÄFER, Martina; LUX, Alexandra; BERGMANN, Matthias. Editorial to the special issue “Transdisciplinary Sustainability Research—Linking research processes and outputs to societal effects”. **Environmental Science & Policy**, v. 107, p. 206-210, May, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S146290112030246X>. Acesso em: 21 abr. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Resolução nº 006/2022-CONSEPE, de 26 de abril de 2022**. Aprova o Regulamento de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 2022. Disponível em: <https://sigrh.ufrn.br/publico/colegiados-superiores/resolucao?id=2&idTipoResolucao=2&ano=2022&numero=006&palavraChave=Regulamento+de+Extensao>. Acesso em: 21 abr. 2026.

APÊNDICE A – CORDEL D@S BIBLIOTECÁRI@S

CORDEL D@S BIBLIOTECÁRI@S

A sustentável leveza do saber



CRÉDITOS

INSTITUIÇÃO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciência da Informação
Coordenação de Biblioteconomia

ORGANIZAÇÃO
Gláucia Marilhe
Larissa de Albuquerque Moreira
Raimundo Muniz de Oliveira

ALUNOS
Alana Vitória M. Lopes
Daniel Luiz F. de Lima Silva
Estefane Tiane E. da Silva
Gabriel Casal C. Lima
Gleivana C. Barros
Isaura Antônio F. Coutinho
Jean Araújo da Silva
Lara A. dos Santos
Maíra Beatriz S. Oliveira
Natália Giovanna T. da Silva
Raimundo Muniz de Oliveira

Sara Araújo de Souza
Suelen Rayanne do N. Pinho
Vitória T. M. de Oliveira

REVISÃO
Raimundo Muniz de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO
Ana Cláudia Nogueira da Costa

CAPA
Estefane Tiane E. da Silva

APOIO
PROEX – Projeto Caravana Cultural



**CORDEL D@S
BIBLIOTECÁRIO@S:
A sustentável leveza do saber**

NATAL/RN
2025

PREFÁCIO

O nosso curso de graduação,
de Ilustre Biblioteconomia,
apresenta com bastante alegria
um rico suporte de informação,
que há tempos vem chamando atenção
ao mostrar o ser bibliotecário
com seu excelente fazer diário
compilado a seu modo: perfeito papel,
muito bem descrito neste cordel,
seu poder ao universo literário.

Lino Sipa, Bibliotecário e Poeta.

INTRODUÇÃO

Parafusando Umberto Eco em conversa com
José-Claudio Curcio, no livro "Não content com
o fim do livro", osamos afirmar: não content
com o fim do cordel!

É nesse suporte tão simples quanto grandioso,
o cordel, que repassa a força da palavra que
informa, emociona e transforma.

E foi justamente a partir desse poder e
nobre instrumento de saber que nasceu o
nome: "Cordel d@s Bibliotecá@r@s: a
sustentável leveza do saber".

A cordel veio em forma de convite, lançado em
rima e afeto por Gláucia Marilhe, durante o
estágio docente numa turma da disciplina
Informação, Sociedade e Democracia, no curso
de Biblioteconomia da UFRN.

Aí, entre o virar das páginas e o vitor das
letras, surgiu o desafio: transformar em poesia o
sentir e o pensar da profissão que cada um e cada
uma ali sempre a trabalhar.

A proposta, feita em versos, foi recebida de
braga, olhos e corações abertos. A timidez se
desfez em estrofos; o medo, dissolvido em
estética e metáforas.

Cada estudante, com seu jeito de sentir a
informação de sua contribuição.

Nem todas as versos vieram com a música
esta, muitas chegaram com o "jeito querido",
mas nenhuma perdeu a alma. E foi aí que o
talento de Raimundo Muniz e Adrielino da Silva
(o nosso Lino Sipa) entrou em cena.

Com generosidade e maestria, eles acharam o
terreno fértil da vontade coletiva, cultivaram
esta lula com cuidado e, juntos, fomos
florescer o fruto: um cordel escrito a muitas
mãos, de sentimentos laqueados com amor.

Aqui nasce este cordel que ora apresentamos:
uma colheita de ideias, sonhos e saberes,
incluindo alunos do curso de matemática que
colaboraram em rimas, corrigidas de metáforas e
sentido, diante da leveza sustentável de espalhar
conhecimento.

Certamente você a se deleitará sobre cada
verso, a se deleitará levar pela cultura das
palavras, a brincar com as rimas e a apoiar, com
o coração aberto, uma causa que pulsa entre
letras, versos e valorização da nossa profissão.

Larissa de Albuquerque Moreira

I
Dos tablets ao papiro,
da pena à tipografia,
dos livros feitos à mão
à nova tecnologia,
a leitura é caminho
que leva à sabedoria.

II
Biblioteca é trincheira
contra a fome de saber,
contra a guerra da mentira
e o medo de aprender.
É lugar de liberdade
de cuidado e acolher.

III
Não é só para pesquisar,
nem cumprir obrigação.
É um espaço de fé,
acolhimento e paixão,
onde a juventude sonha
seu caminho e vocação.

IV
Tem projeto de leitura,
livros à disposição.
Tem crônica que descobre
o poder da criação.
Bibliotecário ensina
e provoca inspiração.

V
Na estante tem ciência,
aventura e emoção.
Tem história de princesa,
de herói e de dragão.
Cada página é um mundo,
feito de imaginação.

VI
É espaço de inclusão,
é mundo de fantasia.
Lugar de muitos saberes,
cultura e cidadania.
Tem livros pra todo gosto,
pra mente que se inicia.

VII
É força silenciosa
que a escola faz vibrar.
O leitor, a cidadã,
que sabe questionar.
Biblioteca é local
pra quem quer se libertar.

VIII
A tecnologia é bela,
mas só vale com empatia!
Tem e-book e podcast,
que nosso saber amplia,
mas o maior instrumento
é o pensar, todo dia.

IX
Alguns livros viram bits.
Tela virá extensão,
mas precisa de alguém
indicando a direção,
o bibliotecário vai,
mediar com precisão.

X
O leitor não se fabrica
na tal da imposição,
mas com escuta e afeto,
com espaço e atenção,
o saber vira parceiro
no trilhar da formação.

XI
Não deixemos que se apague
essa chama tão vital.
Defenda a biblioteca
como alto essencial.
Valorize o bibliotecário
preciso e fundamental.

XII
Entre fichas, mapas, sonhos,
arquivos e referências,
trilhando por corredores
da memória, das citações
com ternura e disciplina
de futuras consciências.

XIII
Parceiro do professor
e apoio na gestão,
aliado da família
e da alfabetização,
quem há mais, sonha melhor,
ganha o mundo da razão.

XIV
Faz mediação de mundos
sem sair do seu lugar.
Põe Machado e Ziraldo
pra criança interpretar.
Faz do tempo uma janela
onde todos possam entrar.

XV
Do clássico ao cordel,
excelente informação,
bibliotecário sabe
indicar a direção,
para todos que buscam
consumir informação.

XVI
Se há criança encantada,
se há jovem pesquisando,
se há idoso descobrindo
ou um adulto sonhando,
é porque há neste endereço,
um saber se renovando.

XVII
Vamos todos defender
saber democratizado
biblioteca ideal
com acesso ilimitado,
livro, tela ou celular,
que deve ser acessado.

XVIII
Nos livros, há informação,
tesouro a se descobrir,
tendo alguém que os ordenem
todos vamos prosseguir.
Sem o bibliotecário
a cultura irá sumir.

XIX
Na era do conhecimento,
em que o saber é poder,
existe um grande herói,
que a muitos faz crescer,
nosso bibliotecário,
o guardião do saber.

XX
No linguajar brasileiro,
"aqueiro em mediação",
bibliotecário, o "cabeça"
demandando a informação,
um fiscal, um guardião
que faz a transformação.

XXI
Se o saber está guardado
na escola universal,
alguém com dignidade,
exerce um dom vital,
do saber e da cultura,
um herói sem pedestal.

XXII
O ser bibliotecário,
mestre da informação,
dentro das bibliotecas,
tribunais ou no sertão,
agrupa conhecimento
via documentação.

XXIII
A lei federal tá firme,
reafirmando o que é vital,
sem o bibliotecário
o concurso é desigual
e muitas bibliotecas,
sem o tal profissional.

XXIV
O Estado, a capital
em toda sua extensão,
carree de bibliotecas
com a participação,
desse profissional,
gestor da informação.

XXV
Ler é direito sagrado,
fonte de cidadania,
o livro abre mil caminhos,
planta sonhos todo dia,
tendo o bibliotecário
cultivando sabedoria.

XXVI
Sustentável é o saber
quando bem organizado.
Conhecimento é poder,
deve ser compartilhado,
sendo informação a ponte,
o leitor é despertado.

XXVII
Que os governos entendam:
não se educa sem cuidar
de quem cuida dos saberes
ensinando a pesquisar.
Sem a cultura acessível,
é difícil prosperar.

XXVIII
Pois nas reuniões da classe
vamos juntos decidir.
O apoio do povo forte,
ninguém há de desistir.
Bibliotecário na luta
sempre unidos a seguir.

XXIX
Todo bibliotecário
é um guia verdadeiro.
E, semelhante ao cordel,
é também um mensageiro,
despertando a consciência
do estudante brasileiro.

XXX
Matemática e cordel
podem pouco parecer,
mas há regra e fundamento
que nos dois fazem valer.
E, com cálculo acertado
é que o verso faz nascer.

XXXI
Matemática tem números,
no cordel tem o que ler.
A soma é conhecimento
que nos ajuda a crescer.
Muda o mundo, cria forma
para o futuro florescer.

XXXII
O cordel hoje celebra
essa nobre profissão,
bibliotecário sempre
mediando informação.
Mentor intelectual,
ator da transformação.

FIM

POSFÁCIO

Este cordel promoveu um processo colaborativo
leve e potente como deve ser o saber.
Enquanto suporte informacional, é pontado na
sustentabilidade, na resiliência simbólica e
material. Ele não exige grandes aparatos para
existir. Basta papel, tinta, intenção e vontade de
compartilhar. É democrático, de baixo custo,
ambientalmente responsável e culturalmente
profundo. Ele circula de mão em mão, de boca em
boca, de boca em boca, sem perder sua potência.
O cordel está em sintonia profunda com os
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
(ODS). Promove educação de qualidade (ODS 4),
reduz desigualdades (ODS 10), valoriza tradições
culturais (ODS 11) e fortalece parcerias para o
desenvolvimento (ODS 17). Além disso, o cordel
educa para a consciência ambiental, social e
cívica, desafiando os limites da informação
técnica e nos convidando a um conhecimento
vivo e transformador.

Devido a isso, desejamos que este cordel não seja
um fim, mas um começo. Um convite a continuar
plantando saberes em forma de verso e
cultivando, com amor e consciência, um mundo
mais justo, informado e sustentável.

Gláucia Marilhe

